

A VIDA ¹⁰

*A vida é o dia d'hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa.*

João de Deus

A vida! — é fumo, que se esvae na brisa;
A vida! — é folha, que o tufão levou;
A vida! — é arroio, que serpeia placido;
A vida! — é lyrio, que no valle murchou.

A vida! — é sonho fugitivo, breve;
A vida! — é nuvem, que ligeira corre;
A vida! — é nota de quebrada lyra;
A vida! — é echo, que definha e morre!

A vida! — é d'harpa sonoro canto;
A vida! — é carne do cantor alado;
A vida! — é rosa no jardim nascida;
A vida! — é prisma d'um amor porvir dourado!

A vida! — é nada; como a aragem foge,
Levando o aroma que o vergel brotou;
A vida! — é um hymno, que descanta o vate,
Plagente estrophe que uma vez sonhou!...

Joaquim Pestana.

¹⁰ Diário de Notícias, 29 de Março de 1877.

ESPERANÇA ¹¹

*... tu nos tomas sobre as tuas
azas pela aerea estrada, por onde
devemos subir ao ceu.*

Bastos

Luz que fulge risonha na vida,
mago enlevo da sorte ao carpir;
pomba linda, dos anjos querida,
que me encanta com ledos porvir!

És a brisa fragante, saudosa,
murmurando por entre os rosaes;
és a imagem dos céus, carinhosa,
alentando na terra os mortaes!

Puro emblema da lyra afinada,
meigo archanjo mostrando um sorrir;
harpa eólica por Deus moldurada,
santo nome de eterno fruir.

Tu que dás mil venturas na vida,
que mitigas a dor cruciante,
oh! tambem, n'esta quadra dorida,
sê o allivio d'um peito constante!

Joaquim Pestana

¹¹ Diário de Notícias, 1 de Maio de 1877.

A ERNESTO REBELLO^{12, 13}

(no seu album)

Tens um cofre d'alto preço,
onde guardas o thesoiro
para ti!...
Nas endechas eu conheço
o segredo:.. a lyra d'oiro
que sorri!

Quem me déra a tua sina,
vêr a estrella sempre pura
lá no céu;
ter a imagem peregrina,
roseo sonho de ventura
que te deu!...

Eu, poeta nada tenho
que me encante nesta senda
só de dôr!...
Implorar teu estro venho,
a melhor, mais rica prenda
do valor!

.....
À morada que me espera,
onde cresce o lyrio santo,
junto à cruz,
vou levar da primavera
minhas crenças, meu encanto,
minha luz!...

Joaquim Pestana

¹² Diário de Notícias, 9 de Maio de 1877 .

¹³ Diário de Notícias, 7 de Agosto de 1872

EU TE AMO, OH MEU DEUS!¹⁴

*Nas auras brandas do estio,
No vento gélido do inverno,
Em tudo, tudo; presinto,
O teu poder, Deus Eterno!.*

G.M.A.A S.

Amo da vaga o bramido,
Do vulcão a lava ardente;
Amo a nota sonora,
Do poeta a voz ingente.

Amo o sol em dia estivo,
Do arroio o murmurar;
Amo o brilho d'alva estrella;
No silêncio o meditar!...

Amo a ave que gorgéia
No seu canto matinal;
Amo o astro que rosurge
No espaço divinal.

Amo o ermo, a solidão triste,
Da procella o seu rugir;
Amo a sombra que me segue,
Que me alenta este existir!...

Amo os sonhos do macebo,
Suas crenças, seu amor;
Amo o hymno da floresta
Do vegetal o meigo odôr.

Amo a cruz, a biblia santa,
Nivea flor, a lua e céus;
Amo tudo o que murmura,
Que me diz: — «existe Deus!».

Joaquim Pestana

¹⁴ Diário de Notícias, 15 de Maio de 1877.

UM MÁRTIR

Na villa de...existiu um honrado proprietario que, pelas suas boas qualidades, havia adquirido as maiores sympathias de quasi todo o povo d'aquella localidade, — e na realidade era merecedor de todas as atenções.

Vivia, pois, elle na mais grata harmonia com aquella boa gente, onde sempre encontrava submissão e respeito. Oh! quanto é bom ser meigo e indulgente, durante a breve peregrinação na terra!

Chegava elle à idade de cincoenta annos, no meio de caricias e desvelos, quando foi acommettido d'uma pequena doença.

Mudara-se para o campo, como os medicos o haviam mandado, e ahi pôde receber o aroma d'aquelles vergeis, onde, por espaço de alguns mezes, veiu a recuperar a saude e o vigor que d'antes possuia.

Ahi, nesse logar solitario, longe dos que lhe prodigalisavam tantos mimos e affectos, revia-se no céu de saphira, e achava conforto à sua constante e profunda melancolia. Lembrava-se, muitas vezes, do porvir tenebroso e triste; mas essa contemplação fazia esquecer-lhe os momentos que, dolorosos, antevia.

Meditava, silencioso, mirando aquellas flores agrestes que vegetavam por alli espontaneas, e a sua alma sentia-se arrobada, como se para elle nada houvesse de dôr e soffrimento! Scismava depois... e uma voz mysteriosa, profunda e indefinivel, lhe vinha recordar um passado alegre e jubiloso! Oh! como são fugitivas as imagens que radiosas sonhamos! Antevemos muitas vezes, um futuro bello e esplendido; mas por fim, quando soa a hora marcada pelo Providencia, tudo se desvanece, succumbe, morre e expira!

Depois d'aquella pequena estada no campo, onde colheu balsamo para a sua cruciante e amarga dôr, viera para a villa, lugar de sua querida residencia, e ahi foi recebido com as demonstrações de filial carinho.

Alegre vivia elle, isento, persuadia-se, de contratempos e infortunios, quando, no decorrer d'alguns annos, acariciado por tantos amigos que possuia, viera apoderar-se d'elle uma tristesa indefinida, e só a sua alma poderia ser a fiel confidente do seu constante martyrio...

Passou assim algum tempo, confortando-o a esperanza de melhor dita, quando lhe era marcado o primeiro passo para a sepultura! No leito da dôr, onde via extinguir os ultimos dias da vida, pode resignar-se aos decrelos supremos, esperando receber a palma do sou martyrio cá na terra!

Depois de uma lucta cruciante, apos tantos esforços da sciencia, poude levantar-se d'aquella lethargia profunda; mas em estado de jámais poder gosar uma saude soffrivel! Rodeado de alguns ambiciosos, seus parentes, d'esses que partilhavam da sua riqueza, fizeram com que os seus intimos amigos, esses que padeciam com elle,

não podessem vê-lo jamais! nem ter um momento de consolação, proferindo-lhes talvez o ultimo e derradeiro adeus! Barbaro exemplo este para a época que atravessamos!

Pungindo aquelle cidadão porque não via uma melhora prompta e efficaz, e olvidado (pensava) dos que se diziam seus sinceros amigos; cahiu outra vez n'um abatimento mental perdendo assim o alento... e, quem sabe? parte da esperança que nutria sua alma.

Como não lhe doeriam esses momentos de reflexão! esses instantes de melancolia o abandono!

Seria a ambição e a raiva, o ciume e a colera, o que havia dominado aquelles corações de bronze? Recordavam-se, porventura, da lucta que se travava n'aquelle coração bondoso e affavel? Teriam medo das consequencias que arrastam estes intentos? Ai! não; porque o ouro lhes havia feito esquecer os mais sagrados deveres que nos impôs a sociedade!

E por fim, quando de todo exausto, arrimado á esperança que o acalentava no meio do seu martyrio via-se novamente no leito da dôr, onde constricto exhalava o ultimo suspiro!

E lá, n'essa morada sombria e triste, jáz o cidadão prestadio, o homem carinhoso e affavel que soube partilhar das agruras da vida, e comprehender os excessos d'um mundo *egoista!*

E vós, ó mocidade estudiosa, que começaes a trilhar esta vereda ingrata e incomprehensivel, não causeis o menor desgosto aos que vos professam coadjuvação e carinho. Pague sempre com amisade sincera os mil beneficios que, caridosos, vos ministram por que um dia, quando vos chegar a hora extrema, ireis receber a recompensa de Deus.

Joaquim Pestana

O CRENTE¹⁵

(Ao Exmo. Sr. Guilherme Borges Pinto)

N'uma bella tarde da primavera, já quando o arrebol começava a doirar os cimos das montanhas, dirigia-me para o sitio de ... logar solitario e triste, onde o homem se sente cheio de jubilo perante a contemplação dos inumeros primores que d'ali se divisam.

Passava além d'um profundo valle, seismando nas coisas terrenas, — n'estas constantes illusões! — quando deparo com um nobre anciao, que, sentado sobre uma pequena collina, meditava silenciosamente, como desejando penetrar nos arcanos da Providencia.

O seu aspecto veneravel, a serenidade com que olhava para o céu paro e limpido, fez-me comprehender que a sua alma se achava arrebatada com aquelles panoramas que então contemplava.

Abeirei-me então d'uma arvore secular d'onde via o homem que ali permaneceu por algum tempo, dando lenitivo ao meu coração pungido pelo martyrio, para vêr se descobria quem, — áquella hora, — longe dos ruidosos caprichos das cidades, vinha dar expansão á sua alma e recrear-se com as belezas campestres.

Seismava eu, ouvindo o trinar do rouxinol a despedir-se d'aquelle dia esplendido, quando chega a meus ouvidos esta mavrosa poesia, trazida levemente na brisa da tarde, e que pode ficar impressa em minha alma, como recordação memoravel d'esse instante solemne:

«Creio no Deus que à noite na floresta
derrama a luz da lua,
santas inspirações mandando à terra
na brisa que fluctua;
que nas fragas do monte alcantilado
a lympha fez brotar;
que poz no equilibrio do universo
a lei que ensina a amar.
Que ao trabalho dá vida e dá repouso
à noite opaca e fria;
que manda um anjo à terra libertar-nos
do leito da agonia.

¹⁵ Diário de Noticias, 19 de Maio de 1977.

Que ao homem dando a luz intelligencia,
 comsigo o assimilhou;
 eu amo o Ser eterno, imponderavel,
 o Deus que me creou!
 Que dá balsamo à dôr do desgraçado
 na sua clemencia,
 o Deus que é piedoso e que protege
 velhice e innocencia.
 O seu poder immenso tudo move
 na terra, mar e céo;
 perante a tua face omnipotente,
 Senhor! o que sou eu?!
 Os que ousam pintar-te inflexivel
 não te conhecem, não;
 os impios que te chamam Deus terrivel,
 — Tu és Deus de perdão».

.....

Olhei para o velho poeta, que perto de mim ficava, e senti-o como elevar-se proferrindo aquellas estrophes, repassadas de uma expressão indefinivel da crença que o acalentava n'esse momento de goso ineffavel!

Pouco depois passava elle junto de mim, trazendo na mão um pequeno ramalhete de flôres collidas n'essa formosa collina, à hora em que as aves se occultavam nos seus ninhos, e as auras embalavam, ao de leve, aquellas mimosas plantas que vegetavam por ali espontaneas.

Fiquei silencioso, podendo escrever estes versos às luz crepuscular:

O crente tem fé na vida,
 Tem n'alma condão e luz!
 Vê nas flores o emblema
 «Do sepulcro de Jesus!»
 Tem um (...) que o afaga,
 Sua patria é o céo também!
 E do berço à sepultura
 Sempre meiga esp'rança tem!

Joaquim Pestana

DEUS!¹⁶

*Que nos diz humilde flor
que veste a face do chão,
da aurora o meigo fulgor,
da tarde o canto d'amor
que as aves soltando vão?*

*Que diz a estrella brilhante
que borda da noite o veio;
a catadupa gigante,
do mar a vaga ondulante,
o abysmo e o escarceo?*

Pinto Coelho

Existe Deus? A esta pergunta quem se atreve a proferir: — não! Só o ateo, o homem descrente, que vagueia meditando por entre a turba silenciosa, é o que tem o arrojo de tal proferir!!

Não sentirá elle uma voz intima, ou sentimento profundo e indefinivel, a repetir-lho constantemente — Deus?

Pergunte elle à flor de rubras petalas, à planta que vegeta à beira da estrada, quem lhe deu o alento, a seiva que a nutre; à brisa quem lhe deu o murmurar incessante; ao penhasco quem o fez tão altivo; à flor quem lhe deu o aroma suave e puro; ao rouxinol quem lhe ensinou as notas do seu canto harmonico; à ave o espaço imenso; ao mar a sua força indomita, que tudo lhe volverá: — Deus!

Vêde o innocente, que mal sabe balbuciar a prece infantil, como sorri às leves caricias maternas descobrindo, em cada sorriso, uma idéa sublime, admiravel, que vem annunciar-lhe — Deus!

Crê n'elle a virgem pudibunda e casta, a mulher virtuosa e pura, quando sente delinhar-se ao leve sopro da morte!...

É eu, que sinto fugirem-me os sonhos do futuro, quando tudo me era alegre e risinho, também em Ti creio, oh meu Deus!

Joaquim Pestana

¹⁶ Diário de Notícias, 4 de Julho de 1877.

DOIS DE NOVEMBRO¹⁷

*Lgrimas puras a manhã goteja
na cruz do mausoléu
e dentre as naves da sombria igreja
vão supplicas ao ceo.*

C. de Figueiredo.

I

Tange o sino na torre da aldeia,
Com silencio nos manda resar;
Voz amiga retumba no valle,
Vae além, mais distante echoar!

Que mysterios que o bronze proclama,
Que segredos nos vem revelar!...
Ai! carinhos, afagos d'outrora
Vem saudoso, na terra acordar!...

E repete-nos refunereo:
— «Tudo é pó, tudo é nada, illusão!
Resta agora no mundo dos vivos,
Implorar do seu Deus o perdão!»

II

Cremos todos, porque a igreja implora!
Entoa um canto de pungente amor;
Diz, entre luto, carinhosa e meiga:
— «Dou grato allivio, lenitivo à dôr!»

«É breve a vida, como o fumo passa;
Luz que se apaga, que fenece, expira;
É sonho amigo, neste coró lucido,
Nota que foge de ignota lyra!

Oremos todos, porque a igreja implora!
É este o dia de conforto à dor!...
Só ella póde, com um sorriso ledo,
Trocar a mágua por suave morte.

Joaquim Pestana

¹⁷ Diário de Notícias, 12 de Julho de 1877.

A AUROSA NO CAMPO¹⁸

Ao Exmo. Sr. Roque Teixeira d'Agrela

*Amo a aurora a luz doirada e clara,
E ao crepusculo as nuvens da tritesa,
A solida montanha, a nuvem rara,
Por invisivel fio aos astros presa,*

João de Deus – Flores do Campo.

Nunca viste, ao romper da aurora, como o céu se tinge de purpurea côr? Como o despeattar da criação vos apresenta um espectáculo sublime e grandioso? A ave trina, saudando jubilosa o dia que reaparece com todo o seu esplendor e magestade, trazendo no seu brilho ineffavel um como que enlevo e doçura, que extasia a alma se presa aos loucos caprichos de um mundo egoista!... O ribeiro corre placido e docemente por entre collinas e valles, indo n'elle espalhar-se a aurora que surge radiante de poder e belleza; as flores espargem suavissimos perfumes; o zephiro matatino, impregnado dos mais puros aromas, alenta o coração acrisolado pela dor e sofrimento; a borboleta, adejando em torno da flor agreste, liba a essencia que a nutre, o nectar precioso d'esses seres que esmaltam as verdejantes campinas; as plantas, mimosas e tenros arbustos, que Deus n'este eden collocara, tambem dizem o quanto é admiravel, bello e formoso, o espectáculo do romper da aurora! Como esquecemos as vozes de horror e tristeza!...

Apagam-se as negras sombras que nos povoam a mente, ingratidões e amarguras, compensação das horas tributadas pelo affecto e reconhecimento!... E porque o mundo, escondendo venenosa raça, dá-nos sempre espinhos por flores, ingratidões por carinhos, fel pelo amor constante e puro, vaidade e orgulho em troco de submissão e respeito, como se a lage tumular não viesse pôr termo a tantos desvairamentos, — sarcasmo cruel que arrasta para o precipicio a sociedade ainda juvenil!...

¹⁸ Diário de Notícias, 13 de Julho de 1877.

Amenidade constante, reflexão suprema, eis o que nos rege n'esses instantes de profunda e silenciosa meditação. A alma eleva-se às regiões ethereas, sente-se expandir-se entre fragancias e flores, revivendo de um ser invisível perante a contemplação das bellas e prodigiosas maravilhas da natureza.

É ahí, esquecido do mundo e dos fallazes enganos, que podemos dizer com o mavioso poeta João de Lemos:

Descanta na selva seus hynnos a brisa,
Descanta nas balsas plumoso cantor,
Descanta a fontinha, que alem se deslisa,
E o ecco da serra, louvando o Senhor.

As vagas, ao longe, lá vem uma e uma,
Beijar negro saxo, cantar, e morrer;
A roxa violeta, que as veigas perfuma,
Aos carmes da abelha sorri de prazer.

O armento maginado, que moços dirigem,
O sino d'aldeia, nas vezes, que dá,
Montanha, que se ergue de ceo, sua origem,
O insecto zumbindo, que diz? Jehová.

Felizes dos que, a essa hora, podem olvidar os tristes e pungitivos amargores da vida.

Joaquim Pestana

A MINHA MÃE ¹⁹
(N'uma doença)

Minha mãe: eu sinto a vida
a fugir-me como um ai,
que no peito a dôr sentida
me comprime, ao labio sáe!

Minha mãe: eu sinto o pranto
definhar-me, a soccumber-me,
mal a voz se casa ao canto
que dorida vera pungir-me!

Minha mãe: o mundo esconde
negro luto, a ingratição!..
Onde achar carinho, aonde,
que acalente o coração?

Minha mãe: só tu me affagas
n'esta dôr que me consome;
co'um sorriso o pranto apagas,
deixas n'alma a voz, teu nome!

Minha mãe: eu sinto a vida
a fugir-me como um ai,
que no peito a dôr sentida me
comprime, ao labio sáe!

Joaquim Pestana

¹⁹ Diário de Notícias, 21 de Julho de 1877.

AVE CRUZ²⁰

(N'um cemiterio)

*«Quantos labios da morte sequiosos
Em beijar esta pedra acharam vida!
Que de prantos vertidos n'estas heras
Em perolas mudaste!*

João de Lemos

Deixai-me contemplar a imagem pura
que me enleva, sosinho, agonisante;
a flor que te perfuma, inebriante,
tambem diz o segredo, a desventura

Sem ti de que valera o mundo triste,
onde a lucta campeia á luz immensa!
Feliz do ente amigo que só pensa
em pedir-te um consolo à dôr que existe!

Em ti diviso a palma da victoria
d'um viver n'este mundo atribulado!
Se penso no porvir olho o passado,
como um sonho fallaz á luz da gloria!

Deixae-me contemplar a imagem pura
que me eleva, sósinho, agonisante!...
A flor te perfuma, inebriante,
tambem diz o segredo, a desventura!

Joaquim Pestana

²⁰ Diário de Notícias, 4 de Agosto de 1877.

AMOR DA PÁTRIA ²¹

Assim como aos animaes coube o instincto, ao homem tambem foi dado, pela natureza, o mais bello e sublime de todos os sentimentos,— o amor da patria. Que milagres não produz elle durante a guerra de exterminio? Que lucta se não trava quando o estrangeiro, fulminado pelo valor e audacia, quer expulsar os que vivem socegados e tranquillos no meio dos seus, e da patria que présam?

Eis o que, do sentimento da patria, exprimiu um dos mais festejados poetas lusitanos, pulsando a meiga lyra:

«Minha terra. a minha terra,
No mundo não tem rival:
Andei-o na paz, na guerra,
Sem ver outro Portugal!
Andei por Africa adusta,
Andei por Ásia vetusta,
Não vi solo igual ao meu:
Na America, além dos mares,
Na Oceania, entre insulares,
Nunca vi tão lindo céu!

Tive então dourados dias,
Tive filhos valorosos:
Assombrei as monarchias
Com meus feitos alterosos!
Que falle por mim Quiloa,
Bombaça, Melinde, e Goa,
Com Diu, Damão, Ormuz:
Que falle Macau na China
Solor, Timor peregrina,
Onde eu fui alçar a cruz!»

.....

²¹ Diário de Noticias, 2 de Junho de 1877.

Vêde a coragem do Esquimau, sobre essas montanhas de gêlo, como se embarca em fragil esquife, fluctuando á mercê do vento e das ondas, á procura da sua querida habitação, como se n'ella encontrasse um constante éden de delicias!

No meio das empolladas ondas, envolto n'um manto de pelles, ri dos perigos a que constantemente esta exposto!

Assim a Providencia fez embuir em nossa alma esse puro sentimento, para que posamos viver amando os nossos, e ligar importancia aos que se dedicam á causa da patria, defendendo os direitos que lhe foram impostos pela natureza.

Consta-nos que um grumete inglez concebera tanto affecto pelo navio que lhe tinha sido berço, que, para o castigar, quando isso era mister, o ameaçavam com a saída d'elle para terra.

Isto, era bastante para que elle, pungido pela ameaça, se occultasse no fundo do porão, soltando sentidos gritos.

O amor da patria bem poderá sentil-o o que está ausente della. Longe do seu paíz natal, recorda os momentos de ventura e felicidade!..

Em toda a parte pensa no lar domestico, onde bebeu as primeiras caricias; vê, n'esses momentos, os campos da sua terra, as ribas alcantiladas, os prados, vergeis e flores, que outr'ora lhe eram tão caros e agradecidos! Revê-se no céu de saphyra, da sua patria ora adoptiva, e julga descobrir a imagens querida dos seus sonhos, a visão radiante e formosa, a acalentar. lhe os acerbos rigores da vida!..

Ao proscripto, quando medita nos revezes da sorte, vai elle avivar-lhe os tempos da juventude, a familia que geme oppressa pelo martyrio, a casa onde soltou os primeiros vagidos, e tudo lhe traz á mente uma particula de ventura a adoçar-lhe os pungitivos instantes da amargura e saudade!

Assim vive o desditoso proscripto, rodeado de mil illusões, concebendo a esperança d'um dia, quando de todo extincta a lucta podêr estreitar nos seus braços os que o embalaram na infancia, ensinando-lhe a proferir o sacrosanto de —Deus!..

Joaquim Pestana

A MULHER DO PESCADOR ²²

(Canção)

*Em céos e mares escuros
luz sempre a estrella da fé.*

T. Ribeiro – Indiana.

Dorme, filho socegado,
que teu pae não tarda, vem;
vejo o mar encapellado,
a bramir na praia, além!

Dorme, dorme! Que sorriso
tu m' imprimes no dormir!
ahi bem póde o paraíso
te mostrar um só fruir.

Quem me dera, innocentinho,
vêr do céo a tua luz,
embalado aqui, sosinho,
sem gozar do mundo a cruz!

Sem sentir meu Deus, a vida
que, tão triste, me foi dada;
vêr-me quasi sem guarida,
sem amor, sem luz, sem nada!

.....
.....

Dorme, filho, socegado,
que teu pai não tarda, vem;
vejo o mar encapellado,
a bramir na praia, além!

Joaquim Pestana

²² Diário de Notícias, 28 de Julho de 1877.

DEUS!²³

*Quem é que abranda o vento em solta tempestade?
Quem é que entre escarceos ao naufrago sorri?
Quem é que traz ou leva ao sol a claridade?
Quem é que disse ao mar – não passarás d'aqui?*
C. de Figueiredo

Que diz a tremula brisa,
que meigamente deslisa,
por sobre a face do mar?
Que diz a voz na procella,
e o canto da philomela,
em noites de almo luar?

Que sentes no ceo, na lua,
no astro que a sós fluctua
d'encantos sempre a fulgir?
Que sentes na luz immensa,
na alma que diz e pensa:
«é eterno e longo o porvir!»

Que diz a folha que treme,
a lyra que d'amor geme,
carpindo uns sonhos d'então?
Que diz a virgem donosa,
o lyrio, o prado e a rosa,
a cruz, o érnio, a soidão?

Que diz a roxa violeta,
a inspiração do poeta,
o mar, a terra e os ceos?
Que diz o carne sentido,
da rôla o grato gemido?
que sentes? não te diz – *Deus?*

Joaquim Pestana

²³ Diário de Notícias, 26 de Julho de 1877.